

A construção do imaginário religioso afro-cristão: transcurso étnico-racial e migrações de fiéis em Teixeira de Freitas/BA

Luiz Henrique Lemos Silveira*
Anderson Marinho Maia**
Amauri Carlos Ferreira***

Resumo

Este artigo apresenta o transcurso religioso de seis fiéis residentes na cidade de Teixeira de Freitas-Bahia. É resultado de uma pesquisa qualitativa e descritiva, com a utilização de entrevistas não estruturadas, para entender o imaginário religioso desses adeptos. Três deles são negros que migraram da umbanda/candomblé para religiões neopentecostais e três são brancos que migraram de crenças pentecostais e carismáticas para a umbanda. Nessas entrevistas foram identificados quatro aspectos para análise dos dados: intolerância religiosa, desrespeito à decisão da escolha religiosa do outro, classe social e preconceito sexual. A análise do imaginário de crenças e valores religiosos permitiu perceber intolerâncias e preconceitos. Muitos deles estão vinculados às complexidades étnico-raciais de herança estrutural (branco *versus* negro) e de forte influência neopentecostal.

Palavras-chave: Candomblé. Imaginário religioso. Intolerância religiosa. Religiões neopentecostais. Umbanda.

* Graduado em Psicologia. Doutor em Psicologia (PUC-Minas). Pós-doutor em Ensino e Ciências da Religião PUC-MG. Professor de Psicologia da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). CV: <http://lattes.cnpq.br/8224562452210597>. Email: luizhls@yahoo.com.br

** Graduado em História. Mestre em Ciências da Religião. Doutor em Ciências Sociais (PUC/Minas). Pós-doutorado em Ensino (PUC Minas) Professor da Rede FUNEC de Contagem. CV: <http://lattes.cnpq.br/1024003193911006>. E-mail: andermarimaia@bol.com.br

*** Graduado em Filosofia. Mestre em Ciências da Religião. Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Pós-doutorado em Educação (UFMG). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação e do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professor de Filosofia do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). CV: <http://lattes.cnpq.br/1038910628183279>. E-mail: mitolog@pucminas.br

The construction of afro-christian religious imaginary: ethnic-racial travel and migrations of the believers in Teixeira de Freitas/BA

Abstract

This article presents the religious course of six believers living in Teixeira de Freitas-Bahia (Brazil). It is the result of a qualitative and descriptive research, with the use of unstructured interviews, to understand the religious imaginary of them. Three are black people who migrated from umbanda/candomblé to neopentecostal religions and three are white people who migrated from pentecostal and charismatic beliefs to umbanda. Four aspects were identified: religious intolerance, disrespect for the decision of the religious choice of the other, social class and sexual prejudice. The imaginary analysis of religious beliefs and values allowed us to perceive intolerances and prejudices. Many of them are linked to the ethnic-racial complexities of structural inheritance (white *versus* black) and strong neopentecostal influence.

Keywords: Candomblé. Religious imaginary. Religious intolerance. Neo Pentecostal religions. Umbanda.

La construcción del imaginario religioso afro-cristiano: trayectoria étnico-racial y migraciones de creyentes en Teixeira de Freitas/BA

Resumen

Este artículo presenta la experiencia religiosa de seis fieles residentes en la ciudad de Teixeira de Freitas-Bahia. Es el resultado de una investigación cualitativa y descriptiva, con el uso de entrevistas no estructuradas, para comprender el imaginario religioso de estos seguidores. Tres de ellos son negros que migraron de umbanda/candomblé a religiones neopentecostales y tres son blancos que migraron de creencias pentecostales y carismáticas a umbanda. En esas entrevistas fueron identificados cuatro aspectos para el análisis de los datos: intolerancia religiosa, irrespeto a la elección religiosa del otro, clase social y prejuicio sexual. El análisis del imaginario de las creencias y valores religiosos permitió percibir intolerancias y prejuicios. Muchos de ellos están vinculados a complejidades étnico-raciales de herencia estructural (blanco *versus* negro) y fuerte influencia neopentecostal.

Palabras-clave: Candomblé. imaginario religioso. Intolerancia religiosa. Religiones neopentecostales. Umbanda.

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar o transcurso de féis entre religiões de matriz africana e de segmentos de estrutura dita cristã [o (neo) pentecostalismo e o carismático], visando comparar o comportamento dos

valores imaginários e adquiridos na migração entre os dois eixos religiosos: o afro e o cristão.

A problemática tem como espinha dorsal a migração religiosa partindo do neo-pentecostalismo/carismático para a Umbanda e o caminho inverso, da Umbanda para o Neo-pentecostalismo/carismático. O objetivo central deste artigo consiste em compreender esse processo de migração religiosa, buscando analisar os preconceitos no campo religioso (neo)pentecostal/carismático sobre as religiões de matriz africana, bem como a migração de fiéis entre esses dois polos religiosos, cujo cenário se deu na cidade de Teixeira de Freitas, cidade localizada no extremo sul da Bahia (IBGE, 2010). Inicialmente pensou-se que migrações religiosas estariam primeiramente pautadas na herança de um racismo estrutural. Deste modo, com base na temática e objetivos propostos, este estudo desenvolveu-se por meio de uma análise qualitativa, tendo a pesquisa descritiva como método de coleta de dados.

Como afirmado acima a pesquisa foi realizada na cidade de Teixeira de Freitas-BA no ano de 2020, a partir do estágio de pós-doutorado em Educação e Ensino do Programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e as entrevistas foram feitas por um dos autores deste artigo. Por se tratar de envolvimento com seres humanos, bem como seus valores e crenças, os dados e informações dos entrevistados foram submetidos ao Conselho de Ética da referida Universidade (CAAE: 3740320.5.0000.5137 - parecer número 4.337.202).

Em suma, pretendeu-se, durante a realização da investigação, compreender como ocorreu o processo de migração dos adeptos brancos para as religiões afro-brasileiras e dos adeptos negros para as religiões neopentecostais. O estudo foi desenvolvido através de entrevistas individuais semi-estruturadas com 6 participantes, sendo 3 com pessoas brancas de origem religiosa carismática e (neo)pentecostal que atualmente são adeptos de religiões afro-brasileiras e 3 com pessoas negras de origem de religiões afro-brasileiras que atualmente fazem parte de denominações neopentecostais.

Utilizou-se de perguntas envolvendo assuntos sobre aceitação, intolerância, desrespeito e escolha religiosa, opção e preconceito sexual, condição financeira e social. Destas 3 pessoas negras que migraram das religiões afro-brasileiras para religiões neo/pentecostais: 2 frequentavam tanto a umbanda quanto o candomblé e 1 frequentava apenas a umbanda; sendo 2 pastores (1 da Igreja Universal do Reino de Deus, o outro da Igreja Mundial de Deus) e 1 fiel (da Igreja Mundial de Deus). Das 3 pessoas brancas que

migraram das religiões neopentecostais/carismática para a religião afro-brasileira: 1 frequentava o movimento Renovação Carismática, 1 a Igreja Maranata e 1 Neocatecúmenos; os 3 brancos se denominaram umbandistas. Os dados dos adeptos, como por exemplo: gênero, idade e opção sexual serão melhor apresentados no decorrer do texto.

Inicialmente, a pesquisa lidou com o dado do senso comum de que existe a predominância de fiéis negros nas religiões de matriz africana e a predominância de fiéis brancos nas religiões neo/pentecostais, por isso, privilegiou-se por entrevistar três pessoas consideradas brancas que frequentam a umbanda e três pessoas consideradas negras que são adeptas do movimento neopentecostal. Ou seja, na escolha dos entrevistados, inverteu-se propositalmente “brancos” umbandistas e “negros” neopentecostais, visando evidenciar valores religiosos e identidade étnico-racial.

No que diz respeito à questão dos negros vincularem-se a religiões de matriz cristã, chama a atenção o que diz a autora Claudete Ribeiro de Araújo (2016) no artigo “A palavra que se fez violência nos corpos negros”. Neste artigo a autora aponta para a questão de que os europeus apresentavam a vinda para as Américas como um tipo de redenção, afirmando que, mesmo sendo escravizados, os negros seriam salvos ao se dirigirem para uma terra cristã e assim ficariam aptos à vida eterna. Para Araújo (2016, p. 61) “Ser escravo tratava-se de uma vontade de Deus, para que aqui se salvassem.”

Frente ao exposto acima tem-se como problema o seguinte questionamento: a migração de fiéis negros que eram adeptos das religiões de matriz africana para movimentos neo/pentecostais e carismáticos se deu por motivos de preconceito étnico-racial? Por outro lado, qual seria o principal motivo de pessoas consideradas brancas terem migrado de religiões de base ditas cristãs para a religião afro-brasileira?

Acreditou-se como hipótese que os preconceitos poderiam estar vinculados às complexidades étnico-raciais de herança colonial (branco *versus* negro). Além da questão étnico-racial como pano de fundo da pesquisa, identificou-se também através da entrevista semi-estruturada quatro aspectos relevantes dos dados obtidos: intolerância religiosa, desrespeito à decisão da escolha religiosa do outro, classe social e preconceito sexual. Esses aspectos relevantes aqui apresentados, talvez conseguissem explicar estas migrações religiosas de negros e brancos para além dos aspectos de preconceito étnico-racial.

Elementos da história dos povos de ascendência africana no Brasil, desde o período escravista, foram utilizados para a compreensão da transição religiosa. Tais análises da trajetória histórica nos auxiliaram na compreensão de possíveis fatores que influenciaram essas migrações religiosas.

Para Garcia (2017), as igrejas neopentecostais, em especial a IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), mantém dos valores da umbanda – a resolução imediata de problemas (os mais diversos e diversificados possíveis) – e incorporam rituais e objetos em que antigos adeptos, sem perceberem conscientemente, não abandonam determinadas práticas afro-brasileira. São esses mesmos elementos afro-religiosos (rituais e objetos) que possibilitam a migração de adeptos de umbanda que se tornam adeptos de igrejas neopentecostais e, quiçá, o contrário também não aconteça: a migração de evangélicos para os cultos de umbanda.

O valor mágico contido nesses rituais afro e seus objetos são reciclados em nome de Jesus e em nome de uma prosperidade material. O desfecho é o total sucesso daqueles que abandonam práticas e *locis* religiosos que são designados desrespeitosamente e pejorativamente como “Casas de encostos”. Mas esses valores invertidos não estariam de alguma forma vinculados ao preconceito étnico-racial? É sobre o que discutiremos nos próximos tópicos.

2. O negro no Brasil, a condição racial e os valores religiosos

De acordo com Reginaldo Prandi (2000), por três séculos, os africanos, pessoas de diversas etnias e nações que falavam línguas distintas, foram forçosamente conduzidos ao Brasil. A captura na África dependia, por vezes, de acordos com os países europeus que colonizaram o continente e demarcaram “seus domínios” de fornecimento de mão de obra.

O progresso econômico do Brasil dependia diretamente dessa mão de obra e o tráfico de pessoas era rentável, tanto para portugueses quanto para africanos que negociavam seus inimigos de guerra. Mesmo após o fim do tráfico e da escravidão, as referências sobre as origens étnicas e as nações de referência dos africanos não eram feitas e os negros então passaram a ser “classificados simplesmente como negros, africanos ou de origem africana” (PRANDI, 2000, p. 58).

A formação do tipo “negro” fez com que todas as origens africanas fossem apagadas. No entanto, as tradições culturais permaneceram

preservadas através do candomblé. Prandi (2000) segue dizendo que o candomblé auxilia na permanência das tradições culturais africanas no Brasil. Devido a esse “apagamento étnico”, é muito difícil para um afrodescendente descobrir de qual povo ou nação descende. Não conhecendo a origem, desconhece também a cultura do seu povo e, caso queira ser fiel à sua cultura original, vê-se obrigado a se identificar com a cultura africana em geral. Portanto, Prandi (2000) traz como questionamento o impacto da escravização na identificação dos africanos e afrodescendentes escravizados no Brasil devido ao impedimento da prática da cultura de origem imposto pelo processo de escravização a essas pessoas. Traz ainda a importância das religiões de matriz africana nesse contexto, informando que seriam importantes focos de resistência, de preservação da cultura africana no Brasil.

Frantz Fanon (2008), ao focar a influência da colonização e do preconceito social na formação da personalidade de negros antilhanos, descreveu como esses aspectos lhes afetaram a saúde mental. Segundo o autor, devido ao preconceito racial que sofreu – o negro antilhano apresenta uma propensão ao sentimento de inferioridade – o sentimento foi assimilado de tal forma, que fica difícil saber se é possível superá-lo. Através da análise de obras literárias escritas por negros colonizados, Fanon (2008) busca compreender o sentimento do negro diante da sua condição e percebe que as personagens, em geral, almejam casar-se com brancos e brancas por acreditarem que o mundo branco pode oferecer redenção ou vingança. Tudo isso porque vivem para os brancos ou contra os brancos e não vivem para si, tendo a autoimagem severamente afetada pelo preconceito sofrido.

O negro antilhano sofre por saber-se negro e por acreditar que ser negro é algo pejorativo. Assim, procura anular a sua negritude, apartá-la. No entanto, obviamente não deixa de ser negro nessa tentativa, passando, apenas, a ser um negro que não quer ser negro, um negro frustrado com sua aparência e com sua existência. Como se vê, mal se coloca em uma relação de dependência à aceitação do branco, ambiciona adentrar o mundo do branco, desdenha a convivência com os outros negros e acaba encontrando a solidão e o vazio. “Comprendemos agora por que o negro não pode se satisfazer no seu isolamento. Para ele [o negro] só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco.” (FANON, 2008, p. 60).

Aimé Césaire (2010), em sua obra “Discursos sobre a negritude”, também traz grandes contribuições ao analisar a influência negativa da perda da autonomia cultural gerada pelos processos de escravização sobre os povos

afrodescendentes. Césaire (2010) apresenta o conceito de negritude como elemento comum para pensar a condição, tanto dos povos africanos quanto dos seus ascendentes atingidos pelo processo de diáspora. O autor auxilia na compreensão da violência infligida pela imposição cultural exercida pelos não negros sobre os africanos e afrodescendentes, tendo a Revolução Haitiana como um foco de resistência ao racismo. A discussão de Fanon (2008) e de Césaire (2010) é perfeitamente cabível ao Brasil. Basta mudar a região das Antilhas para a região brasileira.

Os movimentos de conscientização do e sobre o negro surgiram no Brasil na década de 60 e 70 do século XX, como por exemplo o MNU (Movimento Negro Unificado). Posteriormente, com a Constituição de 1988 foi possível legitimar alguns direitos, estabelecendo a valorização dos povos tradicionais e indígenas, constituindo medidas legais contra o racismo. Como exemplo, podemos citar a Lei 10.639/2003 que implementou como obrigatório o ensino da cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Porém, mesmo com certos avanços, infelizmente o preconceito étnico-racial ainda perdura. (MUNANGA; GOMES, 2016).

Este preconceito também se faz presente e é percebido nas questões relativas às crenças, ocorrendo o preconceito e a intolerância religiosa de algumas religiões ditas cristãs (tradicionalmente compostas por brancos) contra religiões afro-brasileiras (constituídas, inicialmente por negros): candomblé, macumbas, quimbanda e umbanda.

Segundo Ortiz (2005), em se tratando da umbanda, ela aparece mais como uma síntese de religião nacional do que propriamente um sincretismo afro-brasileiro. Ele divergiu da visão de Bastide (1971) que considerou a umbanda como religião de integração do negro na sociedade, embora nos dois últimos anos que antecederam sua morte, este apontasse a umbanda como dotada de uma característica messiânica, dependendo de seus líderes carismáticos, muitos deles mulatos e brancos possuindo uma mentalidade mais luso-brasileira do que propriamente afro-brasileira.

Para Ortiz (2005) a característica percebida por Bastide apresentou muito mais um sincretismo refletido do que espontâneo e, por isso, esse comportamento abriu possibilidades para que a umbanda incorporasse valores religiosos de outras crenças, tais como o catolicismo, o kardecismo e o esoterismo. E na atualidade, ainda que aparentemente contraditórios, são os neopentecostais que assimilaram essa flexibilidade da umbanda e transportaram para seus cultos elementos simbólicos afro-brasileiros

existentes, mesmo que esses elementos afro sejam vistos de forma negativa pelos cultos neopentecostais. Podemos observar a coexistência conflituosa e, em muitos casos, o uso de rituais das religiões afro-brasileiras nas religiões (neo)pentecostais/carismáticas.

Silva (2015) traz como exemplo de convergência a relação de troca existente, tanto nas oferendas quanto na teoria da prosperidade e na ocupação do corpo pelos Orixás ou pelo Espírito Santo. Nessa mesma linha de raciocínio, Mariano (2015) afirma que algumas práticas adotadas por neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus) apresentam práticas deliberadas de sincretismo. Apesar disso, essas instituições religiosas utilizam o argumento de que as religiões afro-brasileiras são demoníacas e devem ser combatidas em nome de Deus, em uma visão dicotômica de bem e mal (que não é compartilhada pelas religiões afro-brasileiras em que bem e mal coexistem) que alimenta as práticas de intolerância e violência.

3. Herança branca: (neo)pentecostalismo e a renovação carismática

O pentecostalismo defendia a manifestação divina através do Espírito Santo, que se fazia presente através da oralidade (falar em línguas). Ao longo do tempo, essa prática religiosa propagou-se por toda a Europa e demais continentes – uma herança judaico/cristã branca e eurocêntrica. Segundo Garcia (2017, p. 110-111):

no caso do pentecostalismo, este movimento existe dentro do cristianismo desde os seus primórdios. No entanto, com a configuração do capitalismo globalizado [...] houve um estímulo para a propagação desse fenômeno nas Igrejas reformadas e, até no catolicismo, com o movimento carismático.

O pentecostalismo passou a acreditar na evangelização como precursora da vinda de Cristo. No fim da década de 1970, as igrejas pentecostais sofreram adaptações políticas e midiáticas em todo o território nacional. Essas adaptações receberam o nome de neopentecostalismo (GARCIA, 2017).

Em relação à renovação carismática Garcia (2017, p. 13) afirma que:

apesar de viver um processo de neopentecostalismo, a RCC [Renovação Carismática Católica] não pode ser considerada pertencente ao neopentecostalismo porque não assume plenamente seu elemento principal, que é, evidentemente, a Teologia da Prosperidade, ainda que indícios apontem que caminha neste sentido.

Ainda, Segundo Garcia (2017) citando o sociólogo Paul Freston (1994), o pentecostalismo sofreu três fases de implantação: a primeira em 1910-11, de influência norte-americana, formaram duas igrejas: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus. A segunda fase, em 1950-60, trouxe a crença no dom da cura (deuteropentecostalismo), surgindo as seguintes igrejas: Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor. Nessa mesma época surgiu a Renovação Carismática, muito parecida com o pentecostalismo até então vigente, mas de cunho católico.

A terceira fase marcou o surgimento do neopentecostalismo que avançou rapidamente no campo religioso brasileiro, seduzindo principalmente as classes mais baixas e a classe média emergente, além de intensificar o conflito no mercado religioso, gerando inicialmente reações por parte de protestantes e pentecostais. As características principais do neopentecostalismo são: presença do capitalismo no empreendimento religioso; a “guerra santa” como combate sistêmico das “forças do mal” (demônios, entidades afro e maldições hereditárias); utilização de elementos e valores estéticos mundanos (tais como vestimentas e músicas) e a teologia da prosperidade (prosperidade alcançada com a fé em Deus e na doação de dízimos) (GARCIA, 2017).

Para Abumanssur (2005), as igrejas pentecostais da primeira fase enfatizaram o dom de falar em “línguas”. As igrejas da segunda fase enfatizaram o dom de “cura”. O falar em “línguas” e o “dom de cura” também são muito expressivos na renovação carismática católica. Já na terceira fase a ênfase se deu a partir da “guerra espiritual” e na “teologia da prosperidade”. Essa terceira fase é marcadamente neopentecostal.

Alguns autores, tais como Mariano (1999) e Morais (2010), apresentaram algumas críticas relacionadas ao conceito de ondas ou fases surgidas após a década de 70 do século XX. Segundo Moraes (2010) houve certo consenso entre os especialistas nesta área, de que a metáfora das “ondas marinhas”, inicialmente utilizada no Brasil por Paul Freston seria uma boa ferramenta para a compreensão do movimento pentecostal brasileiro. Por isso, a título de conhecimento histórico sobre os estudos da Teologia e da Ciências da Religião foram apresentadas acima as três fases. “Pode-se dizer que o conceito neopentecostal teve sua validade e seus méritos. Reconhecido isso, é necessário continuar a pesquisar o subcampo pentecostal e perceber que os tempos são outros”(MORAES, 2010, p. 9).

Desta forma, Moraes (2010) chama estas fases/ondas, sobretudo a terceira fase, de conceito-obstáculo, na medida em que já não consegue qualificar de forma satisfatória a atual situação de um determinado segmento pentecostal no Brasil, bem como não se consegue dar conta da realidade religiosa por não comportar todas as igrejas que foram classificadas como neopentecostais em nosso país. Ainda segundo ele:

A Igreja Universal do Reino de Deus, o verdadeiro pivô que motivou a necessidade de se compreender aquele novo tipo de Pentecostalismo, não é a mesma da década de 90, parece que ficou mais liberal, menos ascética, mas ficou mais sectária, quando analisada por outros grupos evangélicos. [...] nenhum conceito que seja estático, enrijecido e pontual poderá dar conta dessa religiosidade pentecostal brasileira, e em função disso [...] que o termo neopentecostal é um conceito-obstáculo para os estudiosos que pesquisam o universo pentecostal brasileiro (MORAES, 2010, p. 9-13).

Nesse sentido, devido as complexidades sobre o neopentecostalismo, é fundamental sabermos qual é a proximidade e/ou distanciamento do imaginário religioso entre igrejas/crenças neopentecostais com as expressões religiosas afro-brasileiras, bem como saber sobre o transcurso e migrações de fiéis de ambos os segmentos religiosos aqui pesquisados. Para tanto, apresentaremos abaixo os sujeitos entrevistados e os registros elaborados por esta pesquisa.

4. Os sujeitos entrevistados e os dados da pesquisa

Conforme informado antes, nesta pesquisa foram realizadas seis entrevistas, sendo três delas com pessoas negras que migraram de religiões afro-brasileiras para religiões neopentecostais, e três com brancos de origem pentecostal e carismática que migraram para a umbanda. O grupo de negros de origem de religiões afro-brasileiras que migraram para religiões neopentecostais é constituído por dois pastores e um membro fiel da igreja. O primeiro é pastor da Igreja Universal do Reino de Deus (iniciais L. S) de 27 anos, solteiro, autodeclarado heterossexual, possui ensino médio, e pertence à classe social de quem recebe de três a cinco salários-mínimos. Ele frequentou tanto a umbanda quanto o candomblé por 11 anos. Está na religião atual há 10 anos.

O segundo entrevistado é pastor da Igreja Mundial de Deus (iniciais G. R. J) de 31 anos, casado, autodeclarado heterossexual, tem ensino médio,

e pertence à classe social de quem recebe de três a cinco salários-mínimos. Frequentou tanto a umbanda quanto o candomblé por sete anos. Está na religião atual por 15 anos.

O terceiro entrevistado é membro da Igreja Mundial de Deus (iniciais C. H. F) de 37 anos, solteiro, autodeclarado heterossexual e pertencente à classe social de quem recebe de um a três salários-mínimos. Frequentou a umbanda por 11 anos. Está na religião atual por 13 anos.

No grupo de pessoas brancas de origem de religiões pentecostais e carismáticas que migraram para umbanda/candomblé, os entrevistados exercem função de membros da corrente, ou seja, participam das giras. A primeira entrevistada (iniciais de E. F. M) tem 36 anos, divorciada, se autodeclarou heterossexual, tem ensino médio e pertence à classe social de quem recebe de um a três salários-mínimos. Frequentou a igreja católica, movimento da renovação carismática, por 25 anos. Está na religião atual por 3 anos.

A segunda entrevistada é membro da corrente (iniciais E. M), tem 46 anos, divorciada, se autodeclarou heterossexual, possui ensino superior, e pertence à classe social de quem recebe de cinco a dez salários-mínimos. Frequentou desde pequena o catolicismo e fazia parte do grupo neocatecúmenos pelo total de 14 anos. Está na religião atual por 8 anos.

O terceiro entrevistado é membro da corrente (iniciais S. G. S. B), tem 56 anos, divorciado, autodeclarado bissexual, possui ensino superior, e pertence à classe social de quem recebe de três a cinco salários-mínimos. Frequentou a igreja Maranata por 37 anos. Está na religião atual por 1 ano.

Para realizar a entrevista, foram utilizadas 13 perguntas semi-estruturadas. Após realizada a entrevista e a análise dos dados, foram identificados, como apresentado anteriormente, quatro aspectos que serviram de análise dos dados obtidos: intolerância religiosa, desrespeito à decisão da escolha religiosa do outro, classe social e preconceito sexual.

Conforme o relato do pastor da Universal do Reino de Deus (L. S – 27 anos) sobre a intolerância religiosa, observa-se na fala do trecho abaixo um discurso que responsabiliza as religiões de matriz afro por problemas de perturbações mentais provocados no passado pela participação de cultos de umbanda, sendo vinculados também a uma espécie de maldição hereditária de parentes já falecidos. Segundo sua crença, esses problemas eram provenientes de contatos com os cultos afro-brasileiros.

Eu vim de uma família que serviu a matriz da umbanda, e [...] sempre estavam recorrentes na família, problemas. É problemas que não eram normais. Decidimos procurar a religião neopentecostal que é o cristianismo e ao termos esse primeiro contato constatamos que o que estava acontecendo com a família, o que vem acontecendo com a gente, problemas, eram causados por espíritos malignos, [...] como audição de voz, que são, problemas hereditários que vinham acontecendo devido a familiares, até mesmo já haviam falecido, ter tido contato, ter servido as esses espíritos malignos e que vinham perdurando, prevalecendo na família (L.S - 27 anos).

Em outro momento, o mesmo entrevistado continuou posicionando-se com a intolerância religiosa com as religiões afro-brasileiras:

Eu afirmo que eu não volto. Hoje eu não volto! É possível pelo fato de que somos humanos. Ser humano é ser passível de falhas, é... passível de erros e como o senhor Jesus Cristo - ele falou que o espírito e o mundo; ele usou o ser humano como exemplo. Então, espírito sai de uma pessoa, para outra pessoa, ela se torna liberta, que foi o meu caso! Esse espírito, ele vai andar por lugares áridos. Não encontra lugar, ou seja, um outro corpo, uma outra pessoa em que ele possa habitar, porque espíritos, eles não habitam em casa, entende, feito por mãos humanas. Eles procuram os corpos dos seres humanos para habitarem; porque onde eles podem manifestar, eles podem causar através das pessoas intensos problemas malignos que eles fazem. Então, se a pessoa ela não for revestida pelo Espírito Santo, o espírito de Deus dentro da pessoa, esse mal vai procurar e encontrar espaço, encontrando a casa vazia, a pessoa vazia, ele pode entrar e a pessoa uma vez que novamente recebe esse espírito, vai levar esta pessoa novamente às práticas antigas ou até mesmo práticas piores. Porque como Jesus falou que esse espírito maligno pode voltar não apenas sozinho. Ele volta e traz consigo outros sete espíritos piores, e o último estado daquela pessoa torna-se pior do que o primeiro estado. Então, no caso, voltando para religião antiga [religiões afro-brasileiras], você não estaria mais liberto. É o contrário disso. Exatamente. Aquele mal que saiu e nos causava opressão, ele retorna e retorna trazendo outros setes, piores (L.S - 27 anos).

As falas do entrevistado, citadas acima, apresentam um medo constante – caso retorne à religião afro-brasileira os males serão ainda piores – e demonstra uma constante guerra espiritual – em seu imaginário não pode haver tréguas. Segundo Oro (1997), as igrejas neopentecostais se apropriam de marco interpretativo da realidade de seus fiéis que em maior ou menor grau utilizavam códigos religiosos católicos e afro-brasileiros. Então, para

que o mal não volte fazem-se necessárias sessões e banhos de descarrego, sal grosso, velas, águas bentas, e outros, incutindo neles a crença de melhorias de vida, inclusive financeira. Todas essas operações catárticas possibilitam o aumento de adeptos neopentecostais.

Oro (2006) chama a IURD de neopentecostalismo macumbeiro devido a duas características marcantes: sua religiofagia (a igreja se apropria e reelabora as crenças de matriz africana) e sua exacerbação em suas sessões de descarrego (utilização de objetos e ritualísticas de origem dessas manifestações religiosas afro). Religiofagia e exacerbação “juntas, ambas vão revelar a “face macumbeira” da IURD [...] em que se observa que, quanto mais ela constrói um discurso e procede a uma ritualística de oposição às religiões afro-brasileiras, paradoxalmente mais delas se aproxima e se assemelha” (ORO, 2006, p. 320).

Assim procedendo, recorda L. E. Soares (1993, p. 50 *apud* ORO, 2006) a IURD [e outras igrejas neopentecostais] segue semelhante prática do catolicismo medieval que, relativamente à aparição de entidades espirituais aos acusados de feitiçaria, não as colocava em dúvida, mas as renomeava e submetia “a outro crivo valorativo, a partir da aplicação do código católico”(ORO, 2006, p. 323).

Outro relato que reforça a intolerância religiosa às religiões afro-brasileiras é a do pastor da Igreja Mundial de Deus:

A força negativa é nessa religião né, é na religião africana, no candomblé é negativa. E a força positiva que eu falo que é o senhor Jesus no evangelho, o verdadeiro evangelho que é a palavra, com a fé nele, e crendo na proteção dele para minha vida. Então, esse trabalho aconteceu em nome do mal que trabalha, é mal que foi feito para mim. Sim. Uma pessoa que fazia parte de uma religião africana fez um trabalho do mal para mim, mas hoje me libertei (G. R. J. - 31 anos).

Percebe-se no trecho acima que no imaginário de G. R. J. inimigos utilizam rituais afros para lançar o mal contra si. E segundo ele, o inimigo fazia parte de uma religião africana. O mal aqui está vinculado às crenças e aos valores negros.

Nas entrevistas apresentadas acima, percebe-se claramente que não existe uma descrença ao sobrenatural de entidades de origens afro-brasileiras, porém elas são vistas como maléficas e como presenças do demônio enganador e apreciam a “incorporação” ou “possessão” tão comuns nos

rituais religiosos de matriz africana um verdadeiro paradoxo da “guerra santa” e da reversibilidade de valores sagrados que são desmerecidos em crenças de “batalhas espirituais” cuja vitória já é sabida: os pastores são apreciados como os vencedores.

Ademais, segundo Mariano (1995, p. 98 *apud* ORO, 2006, p. 322):

[...] há muito tempo os rituais, as crenças, os deuses e guias dos cultos afro-brasileiros e espíritas são percebidos e classificados como demoníacos pelos evangélicos e até por alguns expoentes da Igreja Católica. Os rituais de exorcismo também não são novidade nos meios pentecostais.

Em outro momento o mesmo entrevistado afirma:

Participar da minha religião atualmente é tudo para mim! Eu acho muito bom pelo motivo de o evangelho, a palavra, pessoas são libertas, pessoas que não conseguem deixar o “bicho”, nós ajudamos! Essas pessoas chegam depressivas, pessoas pensando no suicídio, nós ajudamos as pessoas pra que possam ter uma regeneração, uma transformação de vida, pessoas que estão com a vida totalmente destruída e não tem o conhecimento da verdade. A verdade, é o evangelho que pode mudar a vida dessas pessoas e nós levamos para o conhecimento de Cristo que transforma, que liberta essas pessoas. Então o significado é sim! Só Deus liberta as pessoas! Não querendo ser radical né. Respeito as demais religiões, plenamente, porque a verdade eu coloco é o seguinte, existe um bloqueio mental nas pessoas que elas não tem um conhecimento. Quando elas passam a ter o conhecimento, há um desbloqueio na mente da pessoa. Por exemplo, a pessoa acha que ela não consegue vencer o vício, só que isso é uma mentira, ela consegue vencer sim! A pessoa, ela acha que ela nasceu para sofrer, pra ser o escravo, pra ser humilhado, pra ser assim e viver aquela vida ali. A realidade não é essa, a realidade é quando a gente passa o conhecimento pra essas pessoas, elas passam a entender que o criador as fizeram pra vencerem! Pra que o nome dele venha a ser glorificado na vida dessas pessoas! E a falta de conhecimento que elas têm, isso vem de família, isso vem de outras religiões, como por exemplo no candomblé, os paradigmas, aos padrões mentais de pai, de mãe, de professores, é falta de ensinar esse conhecimento. Este conhecimento transforma as pessoas! (G. R. J. - 31 anos).

Na fala acima, se percebe a importância da condução do pastor (o líder religioso). O público fiel busca “o pastor como um pai para receber orientação quanto aos seus problemas no dia a dia. Professam a fé na esperança de conseguir um emprego, de melhorar o seu viver” (VAZ, 2014,

p. 122). Além disto, o entrevistado afirma que famílias, outras religiões e o candomblé não são capazes de ensinar o verdadeiro conhecimento.

Observamos no relato a seguir o entrevistado sentir-se desrespeitado e criticado por outras pessoas por suas escolhas religiosas. Conforme o entrevistado e pastor da Igreja Mundial afirma sobre os desrespeitos sofridos devido à sua escolha religiosa:

Já sofri, já fui xingado, já fui até humilhado por pertencer a minha religião. As pessoas que fizeram isso foram minha mãe, minha tia, amigos, vizinhos, até pessoas evangélicas, mesmo! Também já me criticaram por eu pertencer o ministério que eu exerço. Mas eu não concordo, eu acho que é ignorância deles! A minha forma de ver é a de respeitar a pessoa, cada pessoa é livre para seguir sua vida, do jeito que ela bem entender e achar melhor. A minha postura é não condenar, não critico ninguém, respeito e amo o meu próximo. E quem eu puder ajudar, eu ajudo desde que precisou: procurou eu estou à disposição para ajudar as pessoas (G. R. J. - 31 anos).

Segundo Birman (2001), religiões mais recentes como as pentecostais e neopentecostais sofrem variados ataques, porém elas têm se tornado religiões que acolhem, atuando no espaço público e político, fazendo com que seus fiéis se sintam como fiéis participativos em nome de Deus, não sendo raro reforçarem o ditado “se Deus é por nós, quem será contra nós”. Como afirmou Frei Betto (2017, p. 19) sobre as Igrejas neopentecostais “[...] muitos templos mantêm suas portas abertas vinte quatro horas por dia [...].O que fascina é o Deus da misericórdia que cura conforta, perdoa, ajuda a obter emprego, traz prosperidade e une a família”.

Também há outro participante que relata o desrespeito sofrido por sua escolha atual, principalmente pelos familiares. Conforme o entrevistado umbandista, afirma:

Eu passei a ser de certa forma uma ovelha negra, né! Eu deixei de fazer parte daquilo que todos fazem. Eu passei a ser visto como alguém que está desajustado, que está desequilibrado, que precisa de tratamento, e por isso eu tenho sofrido sim, muito! (S. G. S. B. - 56 anos).

O preconceito com determinadas culturas e religiões promovem preconceitos vinculados a um passado de visão escravocrata colonial e o outro (fiel afro-brasileiro) é visto como inferior e atrasado. Segundo Vaz (2014, p. 118), “ver o outro inferior justifica atos de violência [...]. Dentro

deste contexto, configura-se o preconceito contra as religiões afro-brasileiras [...] criando um complexo gerador da discriminação”.

Identificamos que há também um preconceito referente à questão financeira e social. Observamos essa posição frente às religiões afro-brasileiras. Na visão de adeptos neopentecostais, o atraso social é de responsabilidade e culpa das religiões afro-brasileiras. De acordo com o membro da Igreja Mundial de Deus, ao relatar sua migração da umbanda para a igreja mundial de Deus:

Essa passagem normalmente acontece a partir do contexto que a religião de matriz africana está inserida, que é normalmente nas periferias, que é onde mais vem a miséria e por causa disso uma coisa está ligada a outra normalmente. As pessoas têm um desejo, um sonho de alcançar algo que esteja acima daquela realidade, podendo sair da miséria e alcançar um patamar financeiro alto. Só que como a umbanda e o candomblé tá inserido dentro desse contexto, acaba a gente achando que uma coisa é responsável pela outra e como é uma migração de uma religião pra outra, é claro, evidentemente que a gente vai ser convencido por essa nova religião [neopentecostal] também de que aquela outra religião [afro-brasileira] é a causadora desse problema social que a gente vive (C. H. F. O.- 37 anos).

A teologia da prosperidade tem sido “um bom negócio” e nesse sentido o termo “é dando que se recebe” funciona bem. Através do dízimo, essas igrejas têm conseguido estabelecer redes financeiras que fazem com que seus fiéis sintam-se pertencentes a uma visão de prosperidade. Deus provém a partir do momento que esses fiéis começam a fazer parte dessas igrejas. Na visão desses fiéis, fora dessas igrejas a prosperidade jamais aconteceria. (BIRMAN, 2001; MARIANO, 1996).

Não satisfeitos com a prosperidade recebida, esses adeptos neopentecostais acusam as religiões de matriz africana pela pobreza. Para eles, essas últimas não são capazes de gerir tal prosperidade e produzem atrasos os mais diversos, inclusive, atrasos financeiros.

Em outro momento, o mesmo entrevistado C. H. F. O, membro da Igreja Mundial de Deus, afirma que as religiões afro-brasileiras, além de serem inferiores às religiões neopentecostais, não possibilitam a quem está nelas boas condições financeiras e sociais. Conforme o entrevistado sua religião permite vantagens sociais:

É evidente, eu tenho que fazer parte daquilo que tá mais em evidência, atualmente. Na anterior [religiões afro-brasileiras] acho que não teria tantas evidências quanto tem essa. Até porque a gente procura estar num patamar melhor de vida e normalmente aquelas que estão num lugar maior, a gente tem muito mais chance [melhorias] disso. A gente começa no pequeno, mas a visão da gente é ir para maior, né?! Então, numa religião de matriz africana não teria essa possibilidade de projeção quanto na evangélica. Porque a religião evangélica é atualmente, que está mais em evidência, e por isso é muito mais vantajoso fazer parte dela socialmente falando! Em relação a espiritualidade eu não acredito que ela [neopentecosta] é melhor, mas eu acredito que no contexto político social é. (C. H. F. O. - 37 anos)

Sabe-se que “pelos jornais é possível perceber como a cruz e a Bíblia passaram a ser intensamente utilizadas nas atividades cotidianas vinculadas à política e aos exercícios das sociabilidades nos espaços públicos [...], uma sociedade que se reconhece por intermédio da linguagem religiosa” (BIRMAN, 2001, p. 81). A linguagem religiosa que tem dominado os espaços públicos de visibilidades: a mídia e o sistema partidário político.

Já as religiões de matriz africana como a umbanda deveriam, na visão de E. M., se impor e reforçar um espaço político e antirracista.

Eu acredito que tanto a umbanda, quanto todas as religiões de matriz afrodescendente, matriz afro-indígenas poderiam ser ditas e faladas nos nossos grupos sociais com mais naturalidade. Acho que a gente enquanto profissional, enquanto pessoa, enquanto umbandista poderíamos estar divulgando, falando sobre, e desmistificando muita coisa! Não no sentido de conversão, mas num sentimento de marcar um espaço político antirracista. Um lugar onde a gente pudesse estar pontuando, né! Que é legítimo ser o que o Brasil é, uma nação de pessoas, de mulheres negras! E que a religião que predomina dentro de uma religião que é preta, apesar de ter embranquecido através aí da história. Eu acredito muito que a gente tem como fazer essa decolonização através dos nossos bate-papos diários, dos nossos contatos. Eu sei que precisamos de coragem num lugar racista como é nosso país. E eu acho que a umbanda é uma religião de fonte de resistência, e é também uma fonte de transformação social. (E. M. - 46 anos).

A fala da entrevistada nos faz lembrar da perspectiva apresentada por Sodré (2017) em sua obra “Pensar nagô”. Nela o autor afirma que se faz necessário haver reelaborações afirmativas, pois “a tradição negra insere-se na formação social brasileira para oferecer, em termos éticos ou

religiosos, outra cosmovisão da vicissitude civilizatória dos escravos e seus descendentes”. (SODRÉ, 2017, p. 172). Dessa forma, adeptos que elaboram esse tipo de discurso visam uma atuação dinâmica “no jogo social de estratos historicamente à margem da cidadania plena”. (SODRÉ, 2017, p. 172). No entanto, concordamos com Capone (2009) que as religiões de matriz africana ainda carecem de uma estrutura partidária política afirmativa para se tornarem expressivas nos espaços públicos.

Referente ao aspecto relacionado à “liberdade de expressão e relação com o corpo e a sexualidade” foi observado que os praticantes das religiões neopentecostais se relacionam com seu corpo, liberdade e sexualidade conforme as orientações doutrinárias das respectivas religiões. Foi observado que há preconceito sexual, principalmente dos adeptos das religiões neopentecostais. O pastor da Universal afirma:

Sobre a questão da sexualidade, sei lá?! só acho que algumas orientações pessoais são diferentes das nossas! Na religião antiga [religiões afro-brasileiras] tem uma forma de orientação que é um problema, ou que não é benéfico para as pessoas! Hoje nós orientamos as pessoas de uma forma para viver com base na palavra de Deus. Nós orientamos as pessoas fundamentados no que a Bíblia diz, a escritura sagrada fala, a qual anteriormente [religião afro-brasileira] não tínhamos essa base. Então, podemos dizer, que vivíamos seguindo conselhos, até mesmo orientações dadas por aqueles espíritos a qual ali se incorporavam e davam orientações e tudo mais. Então, a nossa é a palavra de Deus, que orientamos a todos a aceitar a palavra de Deus, é essa nossa parte, é orientar a pessoa, da forma correta da forma certa, se ela vai aceitar ou não, aí é com ela! (L.S - 27 anos).

Ainda de acordo com este pastor da Igreja Universal do Reino de Deus:

Deus deu ao ser humano, o livre-arbítrio, cada pessoa pode se expressar da forma que ela quiser. Existe uma lei que você planta, e aquilo que você planta você vai colher! Então, todos nós temos a liberdade de expressarmos a nossa fé. É claro, aquilo que eu estou expressando, segundo as minhas crenças, será também aquilo que eu vou colher. Se eu tenho andado de acordo com a palavra de Deus, ela orienta, eu vou colher a minha liberdade de expressão e a minha crença. Então, eu vou colher como está escrito: a vida eterna, o reino dos céus. Mas se hoje eu optar em deixar a minha vida, a minha vocação e meu serviço à Deus, hoje, o serviço sacerdotal. Se eu quiser e seguir qualquer outra coisa, o máximo que poderão fazer por mim serão me aconselhar a não fazer isso, mas eu tenho direito de fazer o que quiser. Então, nós somos

livres para plantarmos o que quisermos, mas iremos colher também aquilo que está plantando! Com relação ao corpo e a sexualidade, a pessoa que teve um relacionamento com Deus, um encontro com Deus, ela foi liberta. Então, a pessoa vai usar o cinto da razão para entender que ela foi feita homem, se o homem se relaciona com a mulher, é bíblico, mas se a pessoa ela quiser também aderir outras práticas, mesmo conhecendo a Deus, sabendo que a palavra fala sobre isso, ela vai colher o que está plantando! Um relacionamento e sexualidade são coisas que estão ligadas umas a outras até em algumas partes. Então, se um homem decide relacionar com outro homem, sabendo o que fala a palavra de Deus, será o fim dele! A mulher, a mesma coisa! E com relação ao corpo, Deus fala que fomos feitos a imagem e a semelhança dele, embora todo ser humano tenha suas escolhas, mas eu me vejo como a imagem e a criação de Deus, me vejo como uma parte criada por Deus, feito a imagem de Deus! A relação com meu corpo é a melhor possível, eu tenho que cuidar do meu corpo, porque eu entendo que o meu corpo é templo do espírito de Deus! E por eu ser templo do Espírito Santo, então tenho que zelar pelo meu corpo, porque onde Deus vai habitar, então tem que zelar com tudo e em todos os sentidos, desde a higiene corporal, como também a higiene mental, isso está na bíblia! A palavra de Deus nos ensina a cuidar de tudo, até espiritualmente, também do nosso corpo, da nossa saúde, em todos os sentidos! (L.S- 27anos)

Cunha (2017) afirmou que a ideologia do patriarcado foi sendo estabelecida ao longo da história e reforça que a sexualidade é permitida para a procriação. O prazer é relegado a uma resignação ao padrão homem-mulher. Ainda assim, a mulher deve ser submissa para a sustentação do caminho reto do homem (ser masculino).

Em se tratando de homoafetividade, existe uma condenação prévia, pois no contexto fundamentalista bíblico neopentecostal “o fechamento à dimensão da homoafetividade é elemento característico”. (CUNHA, 2017, p.86). Embora a mesma autora reconheça que devido aos avanços da sociedade atual os movimentos LGBTQIA+, em certa medida, têm conseguido abrir espaços das chamadas “igrejas inclusivas” voltadas para atender a população LGBTQIA+, esses movimentos têm sido combatidos por religiosos mais conservadores que afirmam que a homoafetividade é responsável pela destruição da família. Nesse sentido, para muitos neopentecostais é preciso “salvar as famílias” e, sendo assim, muitos afirmam veementemente serem contra a “ideologia de gênero”. (CUNHA, 2007).

Em relação à sexualidade, os umbandistas entendem ter mais autonomia. Nessa mesma direção, referente à liberdade de expressão, à relação com o corpo e à sexualidade, a umbandista relatou:

Nessas outras igrejas, eles tem as nossas ações como pecaminosas, tudo que você faz é pecado. Então, eu acho que isso faz com que o ser humano deixe de ser livre, acreditando que todos os atos que ele faz na vida dele é ato pecaminoso. Na minha religião [umbanda] posso me expressar livremente! É que na maioria das religiões não aceitam a questão da sexualidade, para mim é tranquilo! Em relação ao meu corpo eu senti uma certa mudança, porque anteriormente eu me sentia presa, eu não tinha uma liberdade com meu corpo, eu acho que acredito que nas outras religiões eles não dão essa liberdade de você conhecer o seu corpo, né?! Então dentro da umbanda eu me senti livre. A impressão que eu tenho que algo dentro de mim estava preso, e está livre agora, né! (E.F.M- 36 anos).

Por fim, outro relato de uma umbandista referente à liberdade de expressão, à relação com o corpo e à sexualidade:

Primeiro que a gente tem uma coesão interna quando você está numa religião que você quer estar. E é esse lugar aonde o meu corpo, a minha mente e o meu espírito repousa hoje, que é essa liberdade. É um lugar que foi muito buscado, muito sofrido por mim. Ser umbandista não é fácil no Brasil quando você vem de uma família como a minha, né! Onde os membros são extremamente fechados, onde existe esse preconceito estrutural, sobre o que é o espírito, sobre o que é o outro. Essa liberdade, essas escolhas, essa mansidão e essa bondade que eu vejo na minha religião. Essa racionalidade sobre não querer que o outro seja o que eu sou e nem está na minha religião. É essa liberdade que essa minha religião faz com que as pessoas sejam o que elas quiserem ser. O que elas são não tem preço! Essa é uma conquista, ser umbandista para mim é uma conquista! Para mim a umbanda, em todos os sentidos é um acolhimento de mim comigo mesma. É um momento em que todos esses fatores, eles conseguem dançar, bailar juntos numa mesma sintonia. Eu me sinto íntegra, eu me sinto inteira na umbanda, né! E, por isso, eu coloco que a liberdade é conquista! Meu corpo, a minha sexualidade é orgulho de ser apenas quem eu sou, de ser esse corpo, de ser essa pessoa! Ela te liberta, ela te acolhe, e eu não tenho mais medo das coisas, eu não tenho que ter medo de fazer algo para mim, porque dizem que está errado. Eu tenho liberdade para estar em sintonia. Entro com o espírito, com o corpo, com o meu relacionamento. Somos espíritos juntos, em condição humana e caminhando. Então, essa liberdade para mim, ela que é a maior palavra, se eu pudesse definir hoje o que eu sinto dentro da minha religião é liberdade e acolhimento. (E.M- 46 anos).

A liberdade sexual está, no dizer do relato, intimamente vinculado à liberdade espacial, pois o estar junto, cantando e dançando, associa

acolhimento entre o espaço/território e o espaço/corpo. Nos dizeres de Sodré (2002, p. 20):

como o espaço é também “orgânico” (existe de fato um espaço dos corpos vivos e dos grupos sociais), a relação espacial suscita a noção de forma social entendida como “conjuntos feitos de elementos múltiplos (ainda não contextualizados sob os vocábulos sociológicos de intuição, cultura, estatuto e que aparecem muito concretamente em nossa experiência como um certo estilo de vida)”.

Os espaços dos terreiros com os corpos dos fiéis integram diferentes expressões de gênero e de identidades sexuais “que transitam entre o reconhecimento aos padrões normativos dominante e a sua transgressão, compreendendo então, que apesar de todas as divergências e dificuldades, esses espaços são possíveis” (NASCIMENTO; COSTA, 2015, p. 181).

Além disso, a concepção de gênero e sexualidade na umbanda e no candomblé, muitas vezes, se encontra vinculada à “incorporação” de guias e orixás. Como afirmou Brasil (2012), homens podem receber entidades femininas, e mulheres, entidades masculinas. “A oposição homem – mulher não se dá como na vida social mais ampla: ela passa a ser diluída e a possessão salienta o caráter andrógino dos possuídos, cada médium recebendo tanto figuras masculinas quanto figuras femininas” (BRASIL, 2012, p. 19).

Como bem afirmou Simas (2021, p. 8), “os corpos são suportes de manifestações de encantamentos diversos. Para isso, eles são ritualizados, preparados, em busca do equilíbrio que as conexões entre o visível e o invisível podem almejar” .

5. Considerações finais

Relembrando parte do problema de pesquisa levantado na introdução, procurou-se saber inicialmente se a migração de fiéis negros, adeptos das religiões de matriz africana que migraram para movimentos neo/pentecostais e carismáticos, se deu por motivos de preconceito étnico-racial.

Relacionado ao segundo questionamento do problema levantado neste artigo, a saber: qual seria o principal motivo de pessoas consideradas brancas terem migrado de religiões de base ditas cristãs para a religião afro-brasileira, inferimos, pelas respostas das entrevistas que os adeptos brancos que migraram para a religião afro-brasileira defenderam uma liberdade de expressão, inclusive da própria sexualidade e que “não se prendem aos

padrões de normatividade sexual além de se sentirem livres para expressarem suas opiniões e comportamentos.”.

Tem-se que a mobilidade religiosa, em alguns aspectos, causou certa tendência à negação do passado e pode produzir um lapso na história, marcada pela influência destas religiões neopentecostais. É fundamental investigar essa questão, principalmente considerando que a “nossa sociedade favorece uma atitude de não aceitação e de distanciamento dos valores ancestrais africanos”. (BOTELHO; NASCIMENTO, 2010, p. 76). Nessa direção, podemos observar dois movimentos presentes na sociedade contemporânea: um é o branqueamento das religiões afro-brasileiras; e o outro é a migração do negro para as religiões cristãs, principalmente de cunho neopentecostal.

Segundo Silva (2005), devido ao sincretismo religioso presente, principalmente na umbanda por influência tanto do cristianismo quanto do kardecismo, tem ocorrido uma migração do homem branco para as religiões afro-brasileiras, na busca de uma religião, em que há a predominância da utilização de rituais utilizando o corpo, diferentemente do imaginário cristão que nega o corpo em ascensão da alma.

Ademais, segundo Bastide (1985) há também uma negação do negro que desconsidera sua ancestralidade visando ser aceito na sociedade em que vive. Essa busca do negro por aceitação na sociedade permeia também o plano religioso. O enfraquecimento das culturas tradicionais provoca a quebra do vínculo entre as pessoas e fragiliza o sentimento de união que esse vínculo proporciona, fazendo surgir o individualismo, típico das diversas formas de fundamentalismo. (SILVA, 2015).

Teixeira (2008) atenta para o fato de que o fundamentalismo prega uma visão unilateral de mundo e, sendo assim, tenta impor sua verdade autocraticamente, pois não se abre ao diálogo ou à negociação. Tal imposição se opõe ao pluralismo e secularidade idealmente esperados na sociedade contemporânea no campo das religiões.

E mesmo a umbanda, na atualidade vista como uma religião brasileira, apresenta em seu imaginário simbólico a herança predominante da cultura negra. Ora, o preconceito racial coloca a condição da crença do negro como inferior e diabólica. Desse modo, os neopentecostais desconsideram a herança simbólica e africana do negro brasileiro e ignoram a umbanda, o candomblé e as demais crenças afro-brasileiras. Muitos neopentecostais usam os símbolos e significados dessas religiões de matriz africana de forma

invertida e preferem reforçar os rituais afro-brasileiros como sendo perigosos, nocivos e malignos. E devido à demonização das religiões afro-brasileiras, ocorre assim o preconceito e o desrespeito.

Assim, os neopentecostais atacam essas religiões de ancestralidade africana, porém ressignificam os rituais dentro de igrejas luxuosas, ostentam uma prática macumbeira em nome de Jesus e adquirem inúmeros fiéis. Observa-se que essas igrejas não atacam tão diretamente o espiritismo de herança europeia (o kardecismo) e atacam veementemente a umbanda, a quimbanda, o candomblé e as macumbas em geral. Estas últimas têm origem na religiosidade de matriz africana.

Nesse último caso, acredita-se que a demonização dos cultos de matriz africana apresentados pelos neopentecostais possa dificultar o trânsito de neopentecostais para a umbanda. Para afirmar essa posição, seria necessário fazer outras pesquisas tanto de cunho indutivo quanto de cunho dedutivo, ou seja, é preciso mais pesquisas qualitativas e quantitativas sobre o transitar de adeptos das religiões afro-brasileiras para as igrejas neopentecostais e vice-versa. Ainda assim, acredita-se que este último transitar, de neopentecostais para a umbanda, seja menos frequente.

Tanto pode ser assim que das três pessoas entrevistadas e passaram a ser adeptos da umbanda, dois vieram de movimentos católicos “pentecostais” e uma da igreja pentecostal Maranata. Ou seja, nenhuma das três vieram de movimentos neopentecostais, cuja principal característica é a “guerra santa” contra o “mal”.

Alguns que se dizem ex-umbandistas acabam por se tornarem evangélicos, legitimando o que se pode dizer “o lado negativo da força”. Este “lado negativo da força” é potencializado nas igrejas neopentecostais, haja vista as propagandas que bombardeiam na cabeça do indivíduo que se sente perdido: “você está enfeitado! Com encostos!!!!!!”. O “exu-diabo”, nessas igrejas, se faz presente e é dominado por um pastor e seus “ex-macumbeiros” e atuais colaboradores intitulados os “pais da luz”.

Um constante ataque simbólico, violento e desrespeitoso tem sido feito contra outras culturas, contra as religiosidades de matriz africana e, principalmente, contra a dignidade humana. Esta pesquisa mostrou alguns dos aspectos referentes a essa questão e nesse ínterim demonstrou o quanto se faz necessário desenvolver outras investigações a esse respeito.

Por outro lado, como afirmaram alguns fiéis neopentecostais nas entrevistas, podemos inferir que alguns aspectos para além de preconceitos

étnico-raciais são também predominantes e marcantes para a migração dos antigos adeptos de religiões afro-brasileiras para as religiões neopentecostais. Sendo estes aspectos a saber: manutenção da ordem e dos bons costumes que reforçam a heterossexualidade, melhoria do status social e financeiro, além de “vencer os vícios” e “seguir a palavra de Deus”. Todos estes aspectos são elementos somatórios para a construção de um imaginário que transita entre o afro-brasileiro e o neopentecostal.

Referências

ABUMANSUR, Edin. Os Pentecostais e a modernidade. In: PASSOS, João Décio (Org.). **Movimentos do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005.

ANDRÉ, Marli E. D. A.; LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

ALMEIDA, Ronaldo. Dez anos do “chute na Santa”: A intolerância com a diferença. In SILVA, Vagner Gonçalves (org.) **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

ARAÚJO, Claudete Ribeiro. **A palavra que se fez violência nos corpos negros: uma análise de discursos coloniais disciplinadores do corpo (online)**. Congresso Internacional de História. Novas epistemes e Narrativas contemporâneas. Congresso Internacional de História. UFG- Regional Jataí. Goiás: 27 a 29 de setembro de 2016. Disponível em: < http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1471290601_ARQUIVO_Artigoparacongressodejatai.pdf >. Acesso em: 10 set. 2019.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1985.

BETTO, Frei. Por que fizemos opção pelos pobres (e eles pelo neopentecostalismo)? In: GARCIA, Célio de Pádua (Org.). **Pentecostalismo e sociedades: impactos e/ou complicitades**. São Paulo: Terceira Via; Fonte Editorial, 2017. p.17-28.

BIRMAN, Patrícia. **Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos**. In: Fieis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés**. Participação. Brasília: UNB, 2017. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/participacao/article/view/5991> >. Acesso em 25 de nov. 2018.

BRASIL, Gabriel de Paula. **Gênero e origem social na umbanda: uma análise de diferentes perspectivas**. In: ANPUHS - XI Encontro Estadual de História. Universidade Federal do

Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em: < http://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1335729082_ARQUIVO_GENEROEORIGEMSOCIALNAUMBANDAUMAANA-LISEDEDIFERENTESPERSPECTIVAS.pdf >. Acesso em: 19 mar. 2022.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Pallas, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CUNHA, Magali do Nascimento. Mídia, gênero e o “ecumenismo de convêniência”. In: GARCIA, Célio de Pádua (Org.). **(Neo)pentecostalismos e sociedade: impactos e/ou cumplicidades**. São Paulo: Terceira Via; Fonte Editorial, 2017. p.76-98

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GARCIA, Célio de Pádua. Neopentecostais e Renovação Carismática Católica: aproximação e semelhança. In: GARCIA, Célio de Pádua (Org.). **(Neo)pentecostalismos e sociedade: impactos e/ou cumplicidades**. São Paulo: Terceira Via; Fonte Editorial, 2017. p.109-130.

MAIA, Anderson Marinho. **Entre outras manifestações de fé, a umbanda: comunidades quilombolas, contextos e práticas da religiosidade afrodescendente**. 2019. 289 f. Tese. (Doutorado- Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em Ação: A demonização dos cultos Afro-brasileiros. In SILVA, Vagner Gonçalves (org.) **Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MARIANO, Ricardo. 1999. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil**. São Paulo: Loyola.

MARIANO, Ricardo. **Os neo-pentecostais e a teologia da prosperidade**. Novos Estudos, São Paulo, n. 44, 1996.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando**. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1995.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. In: **REVER - Revista de Estudos da Religião**, PUC, SP, p.1-19, jun. 2010. Disponível em: < http://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_moraes.pdf > Acesso em: 29 nov. 2023.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2.ed. São Paulo: Góias, 2016.

300 *Luiz Henrique Lemos Silveira; Anderson Marinbo Maia*
 Amauri Carlos Ferreira

NASCIMENTO, Taiane Flôres do; COSTA, Benhur Pinós da. As vivências travestis e transexuais no espaço dos terreiros de cultos afro-brasileiros e de matriz africana. In:

Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 38, p. 181-204, jul./dez. 2015. Disponível em: <

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/29075/20565>.

> Acesso em: 19 mar. 2022.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostalismo macumbeiro**. REVISTA USP, São Paulo, n. 68, p. 319-332, dezembro/fevereiro 2005-2006.

ORO, Ari Pedro. **Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?** Porto Alegre: NER, ano 1, n.1, nov. 1997, p.10-36

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e a sociedade brasileira**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião**. REVISTA USP, São Paulo, n.46, p. 52-65, junho/agosto 2000.

REBLIN, Iuri Andréas Reblin; SINNER, Rudolf von (Orgs.). **Religião e Sociedade: Desafios contemporâneos**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves. **Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Vagner Gonçalves (org.) **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. **A psicologia da religião ocidental e oriental: a influência do círculo de Eranos no entendimento da religião na perspectiva de Carl Gustav Jung - Dissertação Programa de Pós-graduação em Ciências da religião- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Belo Horizonte, 2013.**

SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos. **Perspectivas junguianas sobre a religião na contemporaneidade**. Tese de Doutorado do Programa Pós-graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Belo Horizonte, 2017.

SIMAS, Luiz Antônio. **Umbanda: uma história do Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOARES, Luiz Eduardo. "A Guerra dos Pentecostais contra o Afro-brasileiro: Dimensões Democráticas do Conflito Religioso no Brasil". In: **Comunicações do Iser**. n. 44, 1993, pp. 43-50.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago/Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

TEIXEIRA, Faustino. Fundamentalismo em tempos de pluralismo religioso. In: MOREIRA, Alberto da Silva, OLIVEIRA, Irene Dias (organizadores). **O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural**. São Paulo: Paulinas, 2008.

VAZ, Célia Morgado. Intolerância religiosa e religiões afro-brasileiras. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; GARCIA, Gilberto Gonçalves; ARAUJO, Cristiano Santos (Org.). **As religiões afro-brasileiras pedem passagem**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 113-126.

Submetido em: 28-12-2022

Aceito em: 30-11-2023